

De José Cardoso Pires tivemos *A República dos Corvos* (Lisboa, Publicações D. Quixote, 1989), colecção de contos a que se agrega o já conhecido *Dinossauro Excelentíssimo*.

Todos conhecem as virtudes demolidoras do ficcionista. Há na sua carreira um dos primeiros ataques à tradição superlativamente autoritária do machismo português, a *Cartilha do Marialva* (1960), ensaio banhado nas tintas do sarcasmo e da galhofa. E sarcástica é também a fábula *Dinossauro Excelentíssimo* (1972), agora incluída em *A República dos Corvos*. Fala, entre outras coisas, de um povo em que "metade da nação vendia lotaria à outra metade. Em conclusão: era um reino a vender o abstracto, a negociar o talvez" (*ob. cit.*, p. 134). Entre um e outro ficou *O Delfim* (1968), romance estratégico da ficção portuguesa contemporânea. Nos idos de 1973 ouvimos de Augusto Abelaira, insuperável novelista de *Bolor*, o depoimento de que *O Delfim* teria sido um marco para a sua geração literária.

Agora. *A República dos Corvos*. Mais uma vez o leitor se defronta com a verve satírica de José Cardoso Pires e um traço recorrente de sua ficção: a fábula zoomórfica. Uma actualização de Esopo? de La Fontaine? da "fábula bestial"? Algo que os transcende, quando os andaimes da fábula deixam entrever personagens, situações e episódios da vida contemporânea. E, para tempos de fragmentação e dilaceramento, linguagem correspectiva, valores de contestação e escárnio, além do mero humor grotesco.

Quando por exemplo se lê a colectânea de contos *Jogos da Azar* (1963), de um ficcionista do porte de José Cardoso Pires, dá-se, não raro, com uma composição antológica, dessas que não se esquecem e entram sempre numa selecção imaginária que temos em mente. É o caso de "Uma Simples Flor nos Teus Cabelos Claros", pela elegância e força da urdidura, pela ênfase da situação criada, quando o conto se desenvolve todo em contrastes entre a força do "real" e a ficção fantasiosa, dois tópicos amorosos na mesma consciência, simultâneos.

De *A República dos Corvos* distingue-se o conto "As Baratas". Baratas... um judeu chamado Franzisko Kapa... Tudo conduziria a supor uma construção kálfiana, ou seja, um libelo contra a ordem absurda. Mas não. Cria-se uma pesada atmosfera apocalíptica, um clima de pesadelo, uma constelação de sinais que supõem uma crítica à era do átomo e das pragas indomáveis, com um fecho, entretanto, de esperança. Aquela esperança cega que Prometeu confessa ter inscrito no coração dos homens.

O gosto da fábula permanece intacto em José Cardoso Pires. Impagável, por exemplo, é o conto "Os Passos Perdidos — Informe sobre Um Congresso". Congresso de cegos, pois estes

"possuem uma visão topográfica do universo imediato inteligentemente organizada em volumes, cheiros, temperaturas e sons e enriquecida por subtilíssimas ondas de premonição." (*ob. cit.*, p. 104)

E mais:

"praticam a pureza da língua em gramática limpa e pronúncia recta porque a recebem exclusivamente pela palavra e sem as sintaxes dos gestos e das máscaras com que os restantes cidadãos a acompanham para corromperem ou contradizerem o discurso." (*ob. cit.*, p. 105)

É sob a óptica ora do grotesco ora do bestiário que a imaginação criadora de José Cardoso Pires exerce o seu poder de fabulação e de crítica social.